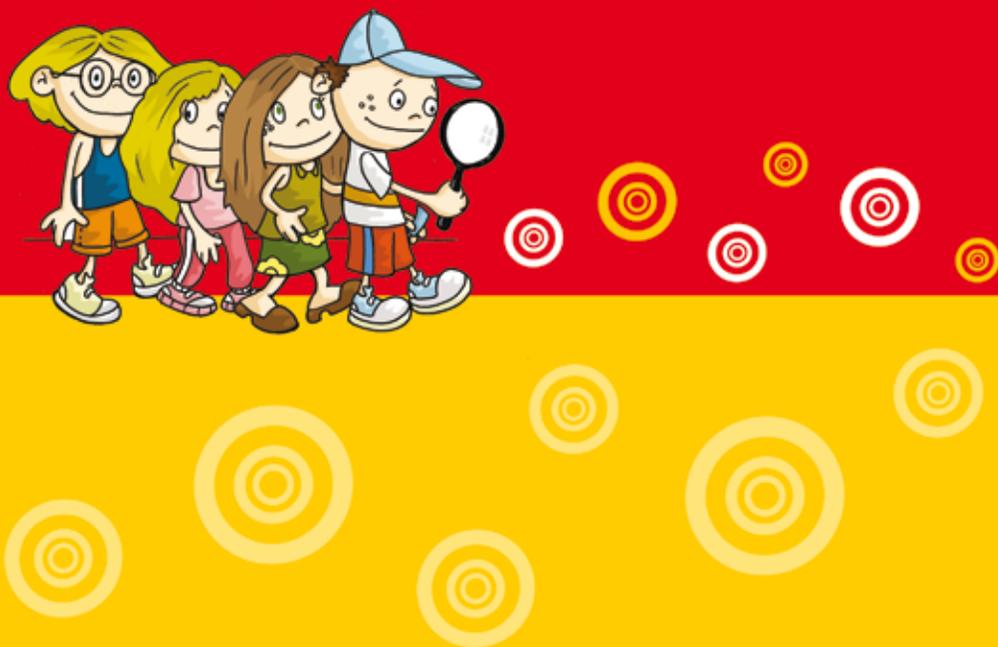


A TURMA DO DOCA

"À PROCURA DA SENHORA S"



Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa

Copyright ©2008. Agência Nacional de Vigilância Sanitária.
É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte.

Diretor-Presidente

Dirceu Raposo de Mello

Diretores

Agnelo Queiroz

José Agenor Álvares da Silva

Maria Cecília Martins Brito

Coordenação Editorial

Maria José Delgado Fagundes

Ana Paula Dutra Massera

Autoria

Cláudia Mendonça Magalhães Gomes Garcia (UCB)

Margô Gomes de Oliveira Karnikowski (UCB)

Suzana Schwerz Funghetto (UniCeUB)

Colaboração

Alice Alves de Souza

Claudia Passos Guimarães

Paula Simões Silva

Ilustrações

Joaquim Rodrigues dos Santos (KiM)

Projeto Gráfico e diagramação

Paula Simões

Realização

Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa)

2ª edição - 5.000 exemplares

SUMÁRIO

Capítulo 1 - O seqüestro da Senhora S	06
Capítulo 2 - O enigma	12
Capítulo 3 - A ajuda da Mari	22
Capítulo 4 - Quem sabe, sabe!	26
Capítulo 5 - Anjos	34
Capítulo 6 - O escuro é o pai do medo	40
Capítulo 7 - Explicando	44



CAPÍTULO 1



O SEQÜESTRO DA SENHORA S

Eu sou o Doca. Na verdade, esse é o meu apelido. O meu nome mesmo é Pedro. Sabe como é: Pedro, Pedroca, Doca. Sou irmão mais velho da Lena, que também é chamada de Helena. Ou melhor, ela chama-se Helena e o apelido dela é Lena. Ih, eu sou muito confuso mesmo! Ela é só um ano mais nova que eu.

Nossos melhores amigos são o Zeca e a Bella (o José e a Isabella). Eles também são irmãos. O Zeca, assim como eu, tem treze anos, a Bella é a mais nova, tem 11 anos. Nossos pais nos chamam de *Quarteto do Barulho*, pois, desde pequenininhos, sempre estivemos juntos, brincando, estudando, brigando e fazendo bagunça.

Hoje, mesmo sendo domingo, eu acordei cedo. Espero ganhar muitos presentes e muitos “Parabéns”, afinal, é o meu aniversário. Treze anos!

Quando acordei, minha mãe já estava na cozinha, preparando o café da manhã. Ela me viu entrando e perguntou se eu queria café com leite e pão com queijo. Nem falou do meu aniversário... Será que ela esqueceu? Meu pai chegou na cozinha logo depois e também não disse nada. Eles esqueceram...

Minha garganta parecia mais estreita, de tanta vontade que eu fiquei de chorar... mas, engoli a vontade junto com o resto do café com leite, dei um tchauzinho para eles e saí. Fui brincar um pouco com o Toby, meu cachorro. Antes que eu chegasse à porta, minha mãe me gritou:

- Doca, o seu primo Gil mandou uma carta para você. Chegou hoje de manhã e está em cima da mesa da sala.

Pensei comigo: “Ao menos o Gil lembrou do meu aniversário...”

Gil é filho da tia Marina, irmã da minha mãe. Ele mora em Plenitude, uma cidade que fica bem pertinho da cidade onde eu moro. Ele é mais velho que eu, mas é muito gente boa, amigão mesmo. Sempre me empresta seus cds, livros e gibis, além de conversar comigo de igual para igual, sem me tratar como criança. Ele bem que podia ser meu irmão mais velho.

Abri a carta. Outra decepção. Não havia nada em relação ao meu aniversário. Mas, à medida que eu lia, ficava cada vez mais interessado e de olhos arregalados! Estava escrito assim:

Grande Doca,

Cara, preciso de sua ajuda. Mas você não pode contar ao seu pai ou à sua mãe o que vai ler agora. Confio em você. Estamos com um problema sério aqui em Plenitude: desapareceu ontem, em circunstâncias misteriosas, uma pessoa da cidade. Não posso nem mesmo citar o nome, por questões de segurança (sua e dela). Entre nós, a chamaremos de “Senhora S”.

Logo após o desaparecimento, eu recebi um telefonema dizendo que ela havia sido seqüestrada e levada para sua cidade. A pessoa que a levou disse que mandaria umas pistas para que a achássemos. Caso a gente não consiga descobrir onde ela foi escondida até às 18:00 do dia de hoje (domingo), o seqüestrador irá “sumir” com ela.

O pior é que não vou poder ajudá-lo: é muito estranho mas, desde que a Senhora S foi levada, todo mundo aqui de Plenitude está



sentindo-se mal, inclusive eu. Algumas pessoas ficaram doentes e outras estão muito fracas.

Contamos com você. Por favor, ajude-nos!

Gil

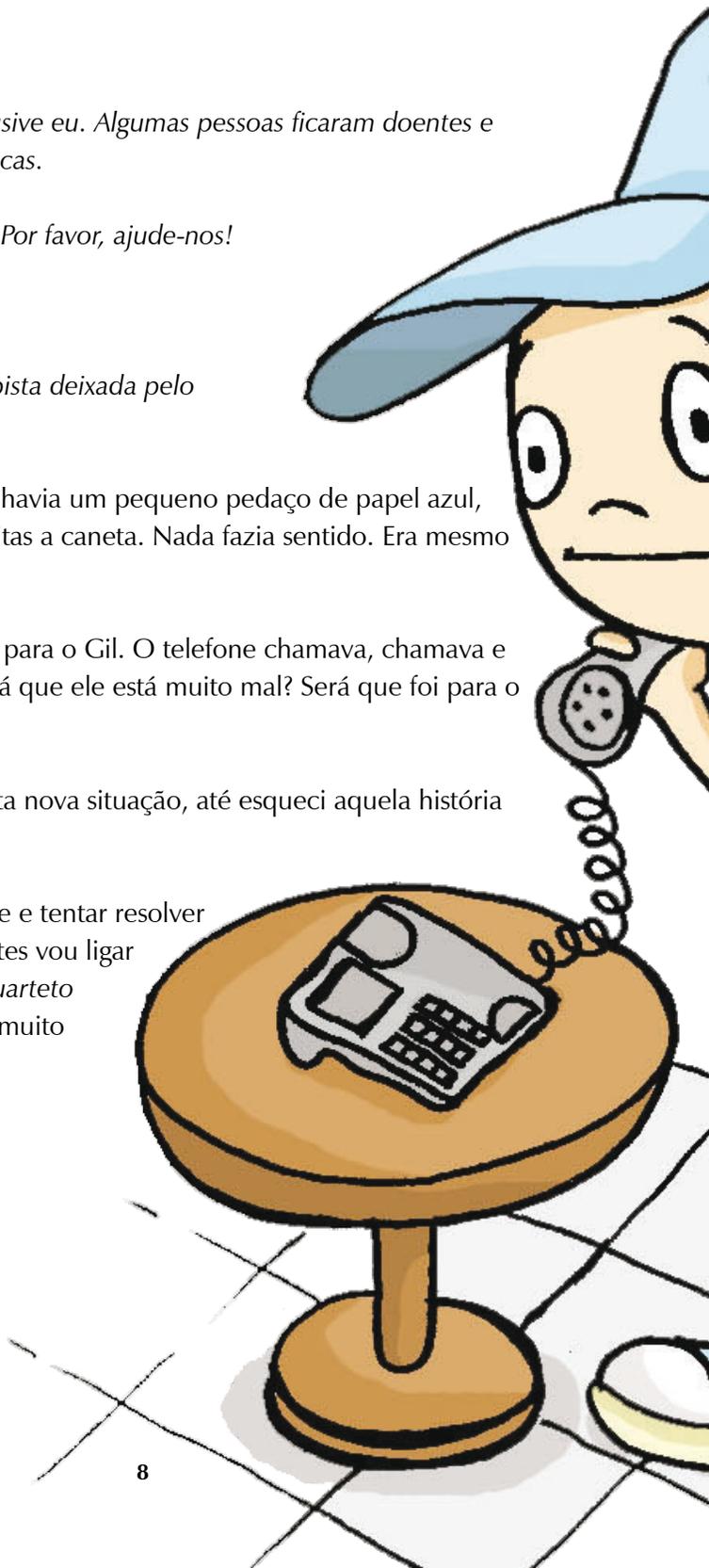
PS: segue a primeira pista deixada pelo seqüestrador.”

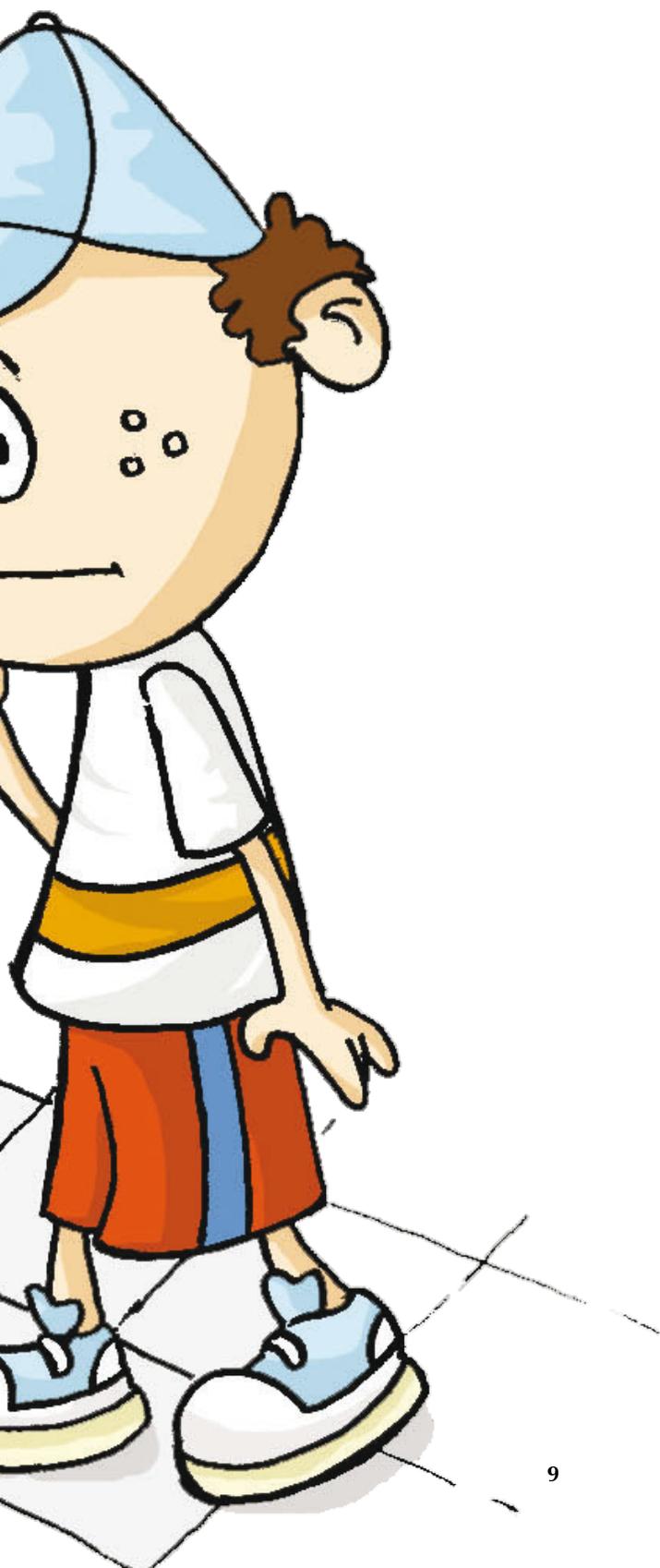
Dentro do envelope, havia um pequeno pedaço de papel azul, com umas frases escritas a caneta. Nada fazia sentido. Era mesmo um mistério...

Imediatamente liguei para o Gil. O telefone chamava, chamava e ninguém atendia. Será que ele está muito mal? Será que foi para o hospital?

Com a gravidade desta nova situação, até esqueci aquela história de aniversário.

Preciso concentrar-me e tentar resolver essa charada. Mas antes vou ligar para o restante do *Quarteto do Barulho*. Teremos muito trabalho pela frente...





CAPÍTULO 2



O ENIGMA

Rapidamente consegui reunir o grupo. O Zeca e a Bella moravam na rua detrás da minha, a Lena eu acordei com uma bronca:

- Última vez que te chamo. Depois não reclama se não participar.

Estávamos todos sentados debaixo da mangueira do quintal de casa. Eu contei sobre a carta do Gil.

As meninas protestaram:

- Será que é perigoso?
- E se contássemos para a polícia?
- E se o seqüestrador estiver armado?

Mas eu confio no primo Gil. Se ele me pediu ajuda, eu vou ajudá-lo. De mais a mais, quero ver se consigo decifrar as pistas.

Então eu disse:

- Pessoal, não vamos contar nada para ninguém. Quem estiver com medo é melhor ir embora agora. Eu vou ajudar, pois a coisa parece ser séria e eles só contam com a gente. Quem está comigo?

Todos acabaram concordando.

Quando já estavam mais calmos, li em voz alta o que estava escrito no papelzinho azul. Nossa primeira pista:



**“A Senhora S é importante e querida
É uma jóia preciosa
Se querem encontrá-la, assistam à pa-
lestra do professor Rosa”.**

- Professor Rosa... será o professor Miguel Rosa? disse Bella.

- Caracas! Deve ser a palestra do Prof. Miguel Rosa! E já deve ter começado. Vamos correr para lá, fui dizendo e já andando em direção à rua.

Os meninos entenderam e vieram junto comigo, todos com a adrenalina a mil!

O Professor Miguel é nosso professor de Ciências. Todos gostam dele porque não nos faz decorar quase nada: ele gosta que a gente raciocine. Vive repetindo: “Vamos pensar gente, vamos pensar! Pensar não paga imposto...” Ele dá aula durante a semana e, aos domingos, no final da manhã, faz uma palestra na grande sala do Centro de Saúde da cidade. Geralmente, são palestras sobre como devemos preservar a nossa saúde. Já assisti uma sobre “A importância do sono para o crescimento e o raciocínio das crianças”. Desde esse dia, tenho ido dormir mais cedo e insistido menos com meus pais para ficar assistindo televisão ou lendo até tarde. Quero ficar alto e com o raciocínio afiado!

Quando chegamos ao Centro de Saúde, vimos o cartaz anunciando: *Hoje, importante palestra proferida pelo Professor Miguel Rosa. Tema: Remédios e Medicamentos.*

O Centro de Saúde estava cheio: adultos, jovens e crianças esperavam a palestra. Naquele momento, o Professor Miguel começava a sua fala:

- Vocês sabem o que é remédio? Perguntou enquanto escrevia a palavra “remédio” bem grande no quadro.

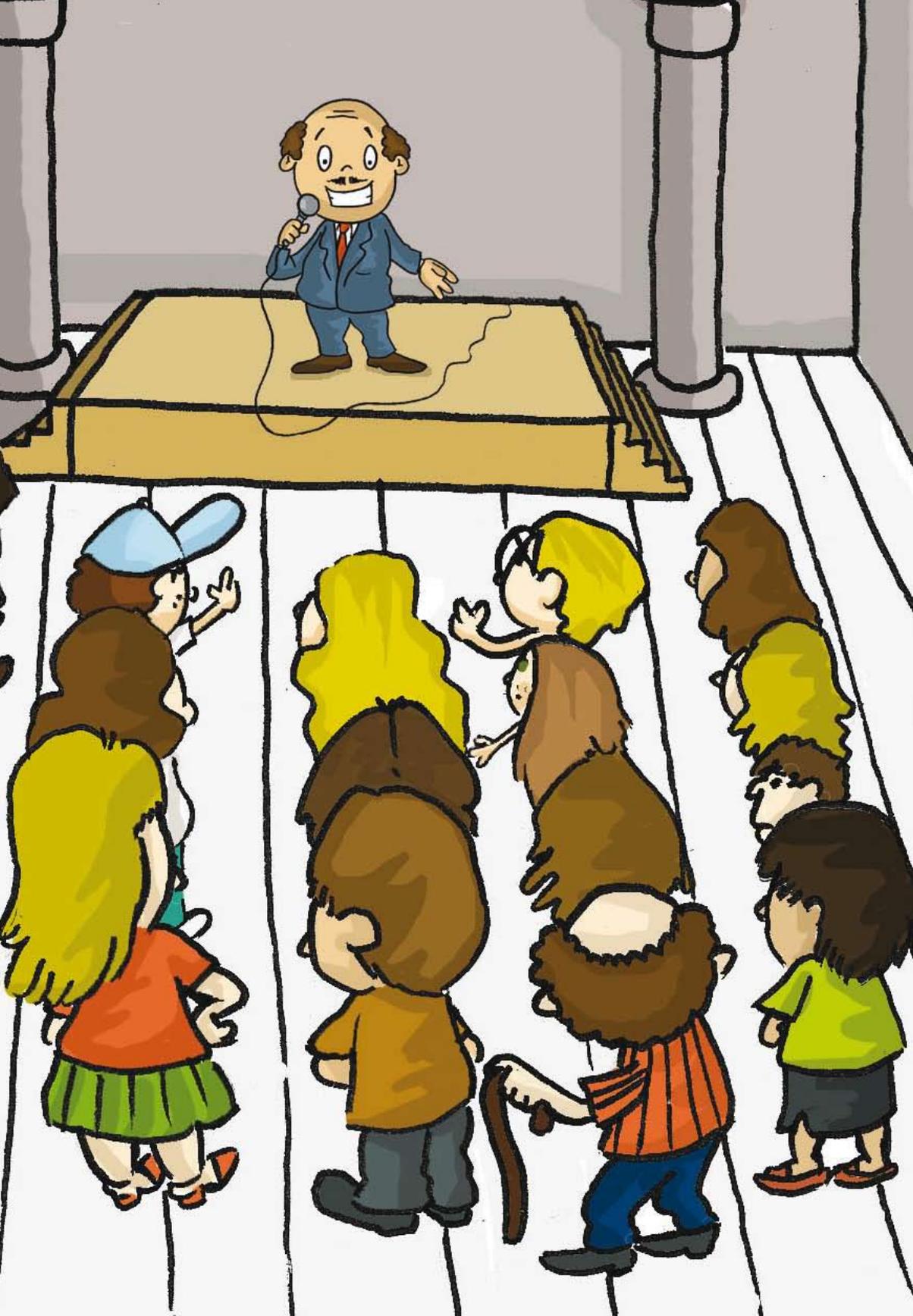
- Eu sei! Respondeu Clara. Remédios são os comprimidos, injeções ou xaropes que temos que tomar quando estamos doentes.

- Clara, você está certa, mas só pela metade. Na verdade, remédios são todos os cuidados que utilizamos para aliviar os sintomas das doenças ou para curá-las. Por exemplo, um banho morno e uma massagem podem ser um remédio. Até o colinho da mãe da gente, às vezes, é um remédio. Isso que você citou – os comprimidos, xaropes e injeções – são exemplos de medicamentos. Medicamentos também são remédios. Muitas pessoas utilizam estes dois termos como sinônimos, mas na verdade não são.

Olhem só que interessante: todo medicamento é um remédio mas nem todo remédio é um medicamento!

- Peraí, professor Miguel, falou o sr. Joaquim, uma comida pode ser um remédio? É que minha mãe sempre falava que era importante comermos direito para não ficarmos doentes.

- Isso mesmo. Uma alimentação de qualidade também pode ser um remédio, pois, em alguns casos, ela melhora determinada situação de doença.



Bella, então, interrompeu, eufórica pela descoberta:

- Agora entendi! A minha avó, que é diabética, tem uma alimentação com quantidades bem controladas de açúcar e outros nutrientes. Isso é um remédio, mas não é um medicamento!

- Legal, Bella! Estou gostando de ver como você está interessada no assunto. Continuando... Quanto aos medicamentos, existem vários tipos. Vamos começar falando dos **Medicamentos Essenciais**.

Os **Medicamentos Essenciais** são aqueles considerados básicos. São muito importantes porque atendem às necessidades de assistência à saúde da maioria da população, servindo para um grande número de situações que atingem um grande número de pessoas.

Existem também os **Medicamentos de Referência ou Inovadores**. Assim como os demais medicamentos, são registrados em um órgão federal responsável pela vigilância sanitária. A eficácia, segurança e qualidade destes medicamentos foram comprovadas cientificamente e este órgão federal aprova isso.

- Professor Miguel, e os tais medicamentos genéricos, o que são? Perguntou dona Cida, mãe do Tiago, colega do Doca e do Zeca.

- Genéricos, dona Cida, são medicamentos que agem em nosso organismo como os medicamentos de referência agiriam. Por isso, o farmacêutico pode substituir um pelo outro.

E ele continuou:

- Quando um medicamento de referência é produzido, a indústria que o desenvolveu faz uma Proteção Patentária, que lhe garante direitos exclusivos de produção, exploração e comercialização do seu produto, sem concorrência - para impedir que outras indústrias

copiem o medicamento produzido -, por um espaço de tempo determinado. O medicamento genérico é produzido após a expiração deste tempo.

- Mas professor, o que são os **Medicamentos Similares**? Escutei esse nome em uma entrevista dada por um farmacêutico na televisão.

- Os **Medicamentos Similares** são parecidos com os de referência, porém, ao contrário dos genéricos, não podem substituí-los. O motivo é que, apesar de terem qualidade assegurada pelo órgão federal responsável, os similares não passaram por análises capazes de atestar se seus efeitos no paciente são exatamente iguais aos dos medicamentos de referência. Nesse caso, nem mesmo o farmacêutico tem autorização para fazer a troca de um medicamento de referência por um similar.

- Para comprar alguns medicamentos, eu preciso de receita médica, e para outros não. Por que isso? Perguntou Laurinha.

- Somente os **Medicamentos de “Venda Livre”** (que não precisam de receita médica) podem ser comprados nas farmácias e drogarias, sem prescrição do médico. Isto só é possível porque os riscos, na maioria das vezes, são pequenos em relação aos benefícios do medicamento. Mas, isso não significa que devemos usar medicamentos toda vez que sentimos um dorzinha qualquer. Na verdade, devemos procurar a orientação do médico ou do farmacêutico.

Os demais tipos de medicamentos só podem ser vendidos com a apresentação da receita médica. São os **Medicamentos Tarjados** (têm uma faixa vermelha ou preta na embalagem). Esses medicamentos apresentam muitos benefícios mas podem vir acompanhados de efeitos não desejados, que devem ser monitorados pelo médico. Ele é o responsável por indicar ou não este tipo de medi-



camento. Vale lembrar que todo e qualquer medicamento deve ser utilizado na quantidade certa e por um tempo determinado para cada tipo de paciente.

- O que pode acontecer se eu tomar medicamentos sem a orientação do médico? Lena perguntou.

- Pode causar problemas sérios. Por exemplo, imagine que você esteja doente e sentindo dores. Aí, você toma um medicamento para aliviar as dores. No entanto, você não tratou a causa da dor e, com isso, sua doença pode agravar-se.

- *Caraca véio!* Medicamento então é coisa séria, *mó moral!* *Aí fio,* esse negócio de ficar chupando uns comprimidinhos como se fossem balas pode dar *pobrema*, tem que ter responsa! Disse o Cris, com sua mania de gírias e seu português horrível.

O Centro de Saúde veio abaixo, ninguém conseguiu segurar o riso. Esse Cris...

E a palestra continuou assim, com as pessoas fazendo perguntas sobre medicamentos e o professor Miguel, pacientemente, respondendo a todos. Até que ele respondeu ao último questionamento feito e terminou sua fala. Mas, e a pista?

Fui me aproximando do professor. Assim que ele me viu, falou:

- Ô Doca, bom te ver.

- Oi, professor. Por acaso, hoje o senhor viu ou ouviu alguma coisa diferente por aqui? É que eu esperava uma espécie de recado de uma pessoa.

- Pensando bem, vi sim. Deixaram um bilhete muito esquisito em cima da minha cadeira, encontrei assim que entrei. Será que é esse o recado que você esperava? E entregou ao Doca mais um papelzinho azul claro.

Agradecemos ao professor e fomos ler a pista juntos, do lado de fora do Centro de Saúde:

**“Na sala verde claro
Há uma flor em perigo
Porque a cada dorzinha
Procura na droga o abrigo.”**

CAPÍTULO 3



A AJUDA DA MARI

- Aiaiaiaiaia! Não entendi nada! - Lena era puro desânimo...

- E se a gente pedisse uma ajuda para Mariana? Sugeri Bella.

Mariana é a irmã mais velha do Doca e da Lena. É uma moça muito inteligente, mora na capital e faz faculdade. Vive de jaleco branco e livro sobre anatomia nas mãos.

- É mesmo! E o bilhete cita algo sobre “dorzinha”. A Mariana é da área da saúde e deve saber do que se trata. Vamos ligar pra ela!

- Oi, Mari! Sou eu, Pedro. Tudo bem com você?

- Oi, Doca! Tudo legal. E por aí?

- Aqui tá tudo bem.

Mais uma pessoa que não se lembrou do meu aniversário. Justo ela, que não esquece o aniversário de ninguém...

- Estou ligando, Mari, para lhe pedir uma opinião. Mas já vou logo avisando que não posso dar muitos detalhes do que se trata. Nesse momento, o que eu queria é que você me ajudasse a pensar sobre uma frase que está em uma mensagem que eu recebi. A frase é “a cada dorzinha procura na droga o abrigo.” Isso te lembra alguma coisa? O que você acha?

- *Caramba!* Em que você anda metido, garoto? Papai e mamãe sabem dessa história? Olha lá, hein!?

- Pode ficar tranqüila, tá tudo bem. Mas anda logo, pensa aí!

- Sei lá, Doca. Quem procura abrigo nas drogas são as pessoas viciadas, aquelas que usam drogas... mas... peraí... quando diz a cada dorzinha, parece coisa daquelas pessoas que estão sempre a automedicar-se.

- O que é isso?

- Automedicação é quando a pessoa usa medicamentos por conta própria, sem a indicação de um médico ou farmacêutico.

- E o que tem isso? Tem algum problema? Uma de nossas tias vive tomando aqueles medicamentos para dor de cabeça, dor de estômago... para tudo quanto é dor.

- Tem problema sim. Às vezes, a utilização de medicamento sem a orientação de um médico ou farmacêutico pode não resolver o problema, agravar doenças, esconder a causa da doença ao tratar apenas o sintoma, e causar sérios danos ao organismo.

Acho que descobri, é isso! Automedicação...

- Mari, você tem razão! Agora mesmo a gente ouviu o professor Miguel Rosa em uma palestra e ele falava sobre o perigo disso. Beijo, mana, valeu!

Desliguei o telefone e fui correndo contar para a turma. Agora precisávamos pensar sobre a tal sala verde claro.

- Sala verde claro? Vocês lembram que cada sala de aula do Jardim de Infância lá na escola têm uma cor diferente? Raciocinou Bella.

- É mesmo! As crianças do Jardim I tem aula na sala amarela; as do Jardim II, na sala azul e as do Jardim III na sala... VERDE. E ela é verde claro! É isso, ele deve estar falando da sala verde do Jardim de Infância!

A memória do Zeca era mesmo maravilhosa!

- E quem é a professora do Jardim III? Continuou o Zeca.

- A dona MARGARIDA! Gritamos os três, ao mesmo tempo, pois veio à nossa mente a segunda estrofe do verso-charada: **“há uma flor em perigo!”**

QUEM PÔS ISSO AÍ?

Cidade pequena, todo mundo se conhece. Corremos logo para a casa da dona Margarida.

Chegando lá, ela estava na sala, assistindo televisão. Precisávamos falar com ela sem levantar suspeitas.

- Oi, dona Margarida, tudo bem com a senhora?

- Agora sim, meninos, mas andei meio adoentada.

- É mesmo? E o que foi que a senhora teve?

- Ah, eu estava tendo muita dor de cabeça. Aí, tomei uns remédios para passar a dor de cabeça e agora estou com muita dor de estômago.

Yes! Matamos a charada! Agora precisamos encontrar a próxima pista. Nós quatro nos entreolhamos, cúmplices. Estávamos radiantes!

Fomos procurar a próxima pista, sem levantar suspeitas...

A Bella pediu para usar o banheiro e, é claro, vasculhou tudo por lá; o Zeca, bem discretamente, fingiu ver uns livros na estante da sala, mas também estava procurando; a Lena ficou distraído a dona Margarida com uma conversa mole qualquer; e eu pedi para tomar água. Dona Margarida disse: vá lá na cozinha, Doca e pegue você mesmo. Você já é de casa.

Na cozinha, nem precisei fuçar em nada. Lá estava ele, à vista de todos... o papelzinho azul claro, escrito em letras de forma, de esferográfica azul, pregado na geladeira com um imã.

Nesse momento, entram dona Margarida e os meninos na cozinha. Ela estava tão perplexa quanto a gente:

- Quem pôs isso aí?

Inventamos uma desculpa esfarrapada qualquer, agradecemos, nos despedimos e saímos eufóricos pela rua afora...

CAPÍTULO 4



QUEM SABE, SABE!!!

No papelzinho estava escrito:

**“Um bebê velhinho e bonachão
Cheio de experiência
Se o assunto são medicamentos
Ele domina a ciência.”**

- Eu vou ter um troço! Que coisa maluca é essa agora!? Como pode haver um bebê velhinho? Suspirou Bella.

Sentamos, novamente, embaixo da mangueira para darmos um tempo e pensarmos. Por uns minutos ficou tudo silencioso, dava até para ouvir os ruídos do vento nas folhas das árvores.

De repente, Zeca levanta-se e grita:

- Já sei, já sei! Vamos correr para farmácia!

- Por que à farmácia? Perguntei.

- Vamos à farmácia conversar com o seu Nenê, explicou o Zeca.

- É claro! Um farmacêutico domina a ciência dos medicamentos! E bebê velhinho, só pode ser o seu Nenê, que tem esse apelido mas já tem uns bons cabelos brancos.

Seu Nenê é o farmacêutico mais antigo da cidade. Todo mundo o conhece.

Na farmácia, encontramos Antônio, o balconista. Bella, apressadinha como sempre, já começou a falar com ele, sem maiores rodeios:

- Antônio, o Doca e o Zeca precisam fazer um trabalho da escola. Será que você pode ajudá-los, falando sobre medicamentos?

- Hummmm... olha meninada, eu sei algumas coisas, mas quem entende mesmo de medicamentos é o seu Nenê, afinal, ele é o farmacêutico. Eu sou o balconista, não entendo tanto quanto ele. Esperem um pouco, ele está lá dentro e eu vou chamá-lo.

Daí a pouquinho chega o seu Nenê. O Antônio já havia dito a ele do que se tratava, mas mesmo assim eu completei:

- Seu Nenê, assistimos uma palestra do professor Miguel sobre a diferença entre remédios e medicamentos, mas precisávamos saber mais um pouquinho sobre os medicamentos. É para um trabalho da escola. O senhor pode nos ajudar?

- Claro! Disse simpático como sempre. - Os medicamentos servem para nos ajudar a sarar quando estamos doentes. Alguns tiram a dor, outros matam vermes, outros matam bactérias, alguns outros, ainda, ajudam o corpo a reagir às doenças. Os medicamentos servem também para prevenir e diagnosticar doenças, além de promover a saúde. Porém, devemos usá-los com sabedoria, senão, em vez de nos ajudar, podem nos fazer mal.

- E por quê? Perguntou Lena.

- Porque cada medicamento tem sua função. Além disso, cada pessoa, por ser diferente da outra (idade, peso, entre outras coisas), pode precisar usar quantidades diferentes de medicamentos, mesmo em se tratando da mesma doença. Por exemplo: se eu,

uma moça grávida e uma criança tivermos uma mesma doença, o médico talvez receite medicamentos e quantidades diferentes para cada um de nós porque o organismo de um adulto é diferente do organismo de uma criança e é diferente do organismo de uma gestante.

Ele continuou explicando:

- Os médicos podem prescrever quaisquer medicamentos que achem necessário para aquela pessoa, já o farmacêutico pode orientar quanto ao modo de usar, como guardá-los em casa quando necessário, que tipo de reações podem ocorrer e outras informações, e, ainda, pode indicar aqueles que não têm tarja preta e nem vermelha. É sempre bom pedir orientação para um profissional de saúde quando precisamos comprar medicamentos, mesmo os de venda livre.

- Mas, seu Nenê, o que é prescrever? O que quer dizer medicamentos isentos de prescrição? Perguntou Zeca.

- Prescrever, no caso, é indicar, receitar. Portanto, Zeca, medicamentos isentos de prescrição são aqueles que não precisam ser comprados com receita médica.

- Ah, tá! Entendi.

- Se for uma coisa simples, como uma dor de cabeça, por exemplo, por que eu não posso vir à farmácia e comprar um medicamento que eu sei que irá melhorar isso? Retrucou o Zeca.

- Zeca, poder você pode, mas não deve. Pelo bem de sua saúde, o melhor é ser orientado por médico ou farmacêutico. Acho que você está querendo dizer sobre podermos cuidar de nós mesmos. Isso chama-se autocuidado. São todas aquelas coisas que uma

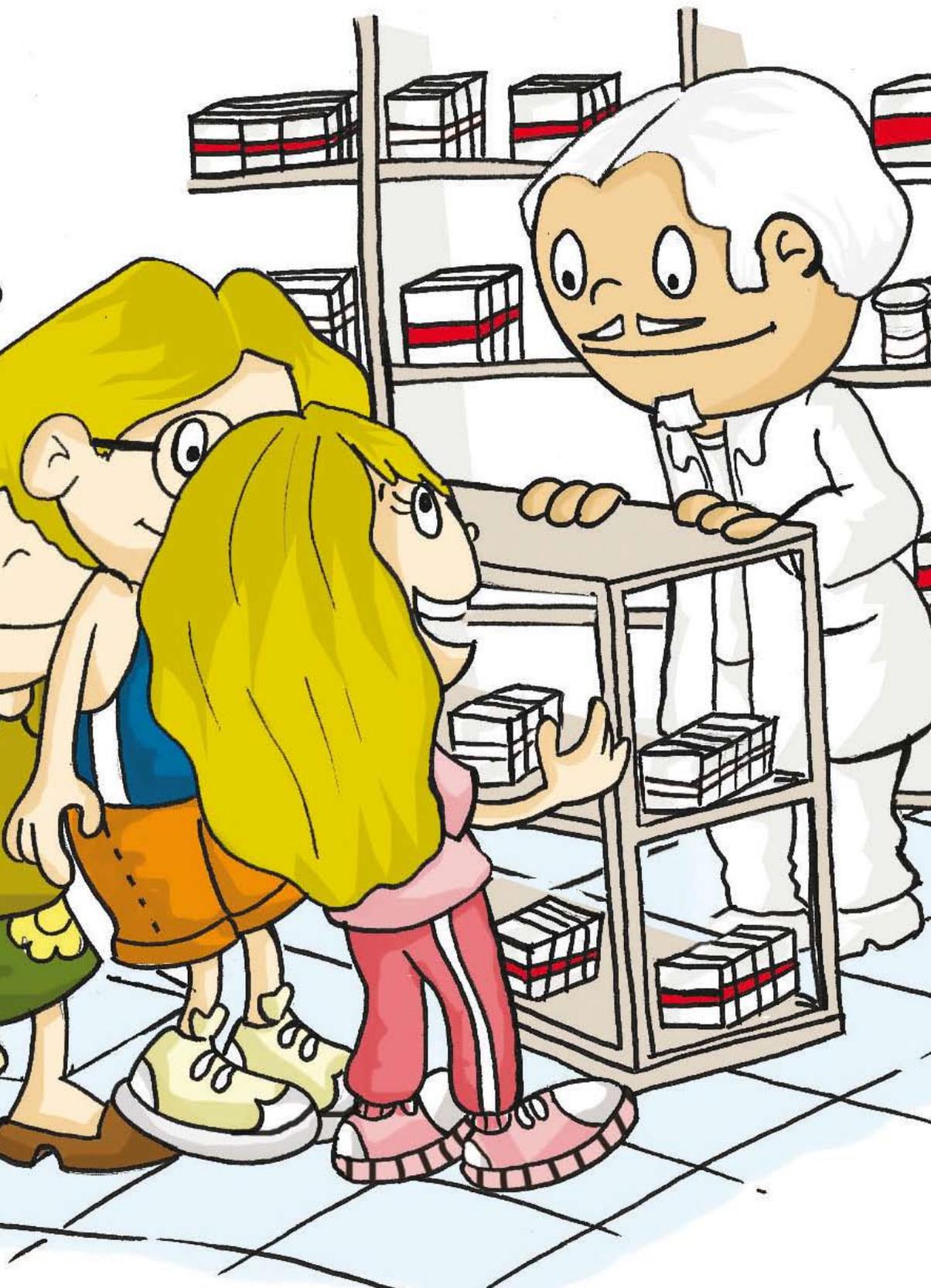
pessoa pode fazer para manter ou restaurar sua saúde. As principais são: os cuidados com a higiene, a nutrição, o estilo de vida, os fatores ambientais e os sócio-econômicos e a automedicação - a qual é entendida como o uso de medicamentos escolhidos pelo paciente para tratar sintomas e doenças identificadas por ele mesmo.

As conseqüências da automedicação podem ser muito sérias. Em alguns casos, ela pode acobertar sintomas importantes para descobrir uma doença na fase inicial, como também no desenvolvimento dos processos de resistência bacteriana - quando as bactérias ficam mais fortes e um medicamento não exerce mais o mesmo efeito sobre elas. Além disso, a automedicação pode levar a intoxicações, reações adversas e aumentar o risco de interações medicamentosas.

- E o que é interação medicamentosa? Perguntou Zeca.

- As interações medicamentosas acontecem quando se toma mais de um medicamento





taneamente, alterando o efeito deles no organismo. As interações podem acontecer, também, com os alimentos. Por isso, é importante seguir as orientações do médico, respondeu seu Nenê.

E ele continuou:

- Sabe quando temos epidemia de dengue no país? Pois é, muita gente confunde os sintomas da dengue com os de uma simples gripe. E alguns medicamentos usados comumente para a gripe fazem muito mal para quem tem dengue.

- Tem gente que usa medicamentos de qualquer jeito, falou Lena, lembrando de uma prima que adora automedicar-se.

- Pois é, Lena, isso é muito prejudicial à saúde dessa pessoa. É importante também que as pessoas tomem o medicamento apenas para aquilo que foi receitado ou indicado, na quantidade recomendada (nem mais, nem menos) e durante o período de tempo determinado.

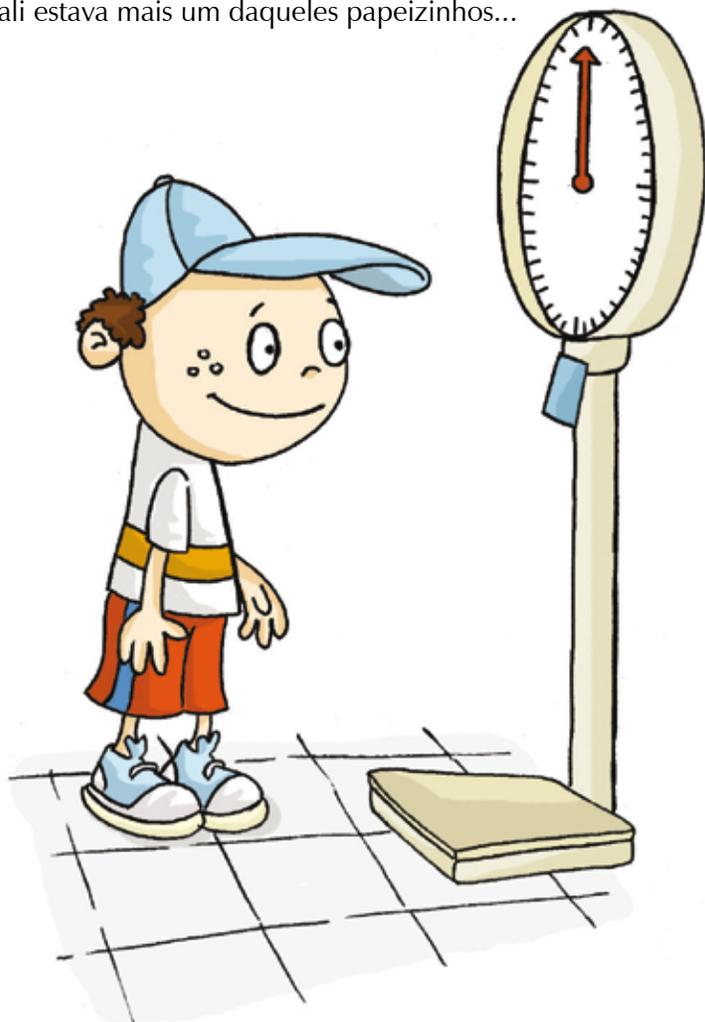
- Outro cuidado que cada um deve ter é o de não deixar que ninguém tome o remédio que foi receitado para você e nem tomar o remédio receitado para outra pessoa. Além disso, devemos guardar os medicamentos em local seco e fora do alcance de crianças. Por exemplo, nunca devemos guardá-los no armário do banheiro, que é um local normalmente úmido, ou na cozinha, que, geralmente, é quente.

- Eu vi em um programa de televisão um dia desses o apresentador dizendo sobre um medicamento que era bom e que as pessoas deviam tomá-lo. Disse Zeca.

- Zeca, as pessoas fazem propaganda de medicamentos porque são pagas e não porque conheçam, acreditem ou usem aquele medicamento. Muitas vezes, o artista não tem consciência de que pode

estar colocando em risco a saúde das pessoas. Um medicamento, quando bem indicado, pode salvar uma vida, mas se for usado incorretamente, de qualquer jeito, pode até matar. Então a dica é: não tome remédio por conta própria, não aceite palpites ou sugestões de vizinhos e parentes e não se iluda com sintomas semelhantes ou com qualquer tipo de publicidade. Afinal, medicamento não é brinquedo.

A conversa com o seu Nenê estava boa, mas já eram quase 17:00. Estávamos desanimando, até que vi! Pregado na balança da farmácia, ali estava mais um daqueles papeizinhos...



CAPÍTULO 5



ANJOS

Assim como nos outros bilhetes, a pista veio em forma de verso:

**“ No início era o caos
Doenças, mortes a valer
Mas pessoas e governos
Para nas cidades bem morar
A Vigilância Sanitária tiveram que criar”.**

- E essa agora? Não havia pista nenhuma... ou havia? Vigilância Sanitária, será que é isso?

- Vamos lá em casa, a gente procura saber o que é isso pela internet. Disse Bella.

Os minutos estavam passando rapidamente, mas, ir à casa da Bella era uma boa idéia porque, além de pesquisarmos o termo, poderíamos comer alguma coisa.

Casa da Bella e do Zeca, lanche rápido e vamos a isso: na internet, acessamos um *site* de buscas, o Google, e digitamos as palavras “Vigilância Sanitária”. Procurar... mais de 700.000 entradas. Vamos abrir a primeira: “Agência Nacional de Vigilância Sanitária”.

- Caramba, tem muita informação aí...

- Não vai dar tempo de ler tudo.

- Já sei, diz Lena. - Estão vendo que essa tal Vigilância Sanitária tem a ver com a Secretaria de Saúde? Pois é, vamos lá falar com o sr.

Onofre, que é o secretário de saúde da cidade. Ele deve ter alguma pista para gente.

Como era domingo, fomos direto à casa dele. A Prefeitura, que é onde funciona a Secretaria de Saúde, estaria fechada mesmo.

Chegando lá, o Zeca se prontificou a conversar com o sr. Onofre. Nós ficamos só escutando.

- Oi, sr. Onofre, como vai?

- Muito bem, garotos! Vocês precisam de alguma coisa?

- Precisamos sim. É que vamos fazer um trabalho para a escola e precisávamos saber alguma coisa sobre vigilância sanitária. O senhor pode nos ajudar?

O sr. Onofre era muito dedicado ao seu trabalho. Tudo que acontecia na Secretaria de Saúde era de seu conhecimento, logo, ele saberia nos explicar o assunto.

- Bem, meninos, a vigilância sanitária surgiu há muito tempo, como uma forma de organizar e tornar mais saudável a vida nas cidades,

pois à medida que elas foram surgindo, tornou-se importante fazer alguns “acordos” entre as pessoas que morariam ali. Por exemplo, se cada um jogasse o lixo onde bem entendesse e resolvesse tomar banho no reservatório de água para beber, poderia prejudicar a saúde das outras pessoas. Então, a vigilância sanitária foi criada para regulamentar as práticas das pessoas, de modo a preservar a saúde de todos.

- Isso explica aquele bilhete: “no início era o caos”, pensei com meus botões.

- Então, - continuou o sr. Onofre - quando estamos vigiando e prestando atenção em tudo o que possa afetar a nossa saúde, fazemos vigilância sanitária. Mas, com o passar dos anos, ela foi sendo mais e mais aperfeiçoada. Hoje, é um trabalho realizado por governo e cidadãos, com o objetivo de evitar a fabricação, a venda e o uso de alimentos, medicamentos, cosméticos, saneantes e produtos para saúde adulterados; assim como a prestação de serviços de saúde sem qualidade; e, ainda, de evitar a entrada de doenças no País.

O sr. Onofre estava empolgado de ver a atenção que prestávamos a sua fala.

- Existe um órgão, criado pelo Governo Federal em 1999, que tem a função de promover e proteger a saúde da população. As pessoas que trabalham nesse órgão atuam controlando a produção e a comercialização de produtos e serviços submetidos à vigilância sanitária. Esse órgão é a Anvisa (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). Além disso, a Agência exerce o controle de portos, aeroportos e fronteiras e a interlocução junto ao Ministério das Relações Exteriores e instituições estrangeiras para tratar de assuntos internacionais na área de vigilância sanitária.

Só se ouvia a voz do sr. Onofre. Nós prestávamos atenção...

- A missão da Anvisa - o motivo pelo qual foi criada e é para isso que deve trabalhar - é "Proteger e promover a saúde da população, garantindo a segurança sanitária de produtos e serviços e participando da construção de seu acesso".

Como eu disse antes para vocês, a Anvisa atua em diversas áreas, tais como: alimentos, medicamentos, cosméticos, saneantes, produtos para saúde, prestação de serviços de saúde, portos, aeroportos e fronteiras. Eu vou dar um exemplo de uma atuação dos fiscais da vigilância sanitária em uma situação concreta.

Nossos olhos até brilharam...

- Por exemplo, no caso dos açougues. Para funcionarem, eles devem respeitar as normas próprias para este tipo de estabelecimento comercial. Para isso, foram criadas especificações de como devem ser as paredes, a quantos graus deve estar o frigorífico, entre outras coisas. Quando o fiscal depara-se com um estabelecimento fora destas normas, ele vai lá e conversa com o dono, dando um prazo para ele consertar o que está inadequado ou errado. Se depois desse prazo as coisas continuarem fora das normas (lembrem-se que são normas que servem para proteger a saúde da população), então o fiscal pode multar ou até mesmo fechar o açougue.

Deixem-me mostrar a vocês algumas ações de vigilância sanitária que desenvolvemos aqui na cidade. Tenho tudo em uma pasta de trabalho, esperem aqui um momentinho que vou buscá-la...

- Gente, que legal isso! Então os fiscais da vigilância sanitária são uma espécie de anjos da guarda de nossa saúde - diz Bella, encantada.

O sr. Onofre voltou, carregando uma pasta grossa nas mãos. Abriu-a e começou a nos mostrar uma série de papéis: notificações, cópias de leis, etc. De repente, em meio aos papéis, vi um pequeno pedaço de papel azul claro, já tão conhecido...

A mensagem, dessa vez, estava diferente, não era uma pista, era um endereço mesmo:

**“Na Rua Direita decerto
No número dois dois três
Da Senhora S estarei perto
Digo isso com certeza a vocês.”**

CAPÍTULO 6



O ESCURO É O PAI DO MEDO

Estávamos em frente à casa: Rua Direita, número 223. Não pode ser aqui! Uma casa que Doca conhecia muito bem: a casa dos avós dele!

- Mas como? O seqüestrador escondeu a Senhora S aqui?

- Só se tiver sido no porão, onde o vô e a vó não percebessem.

Doca abriu devagar a porta do porão. Estava muito escuro. A lâmpada que existia ali era acesa girando-a em torno de si própria, na própria boquilha, e ficava no meio da grande sala que era o porão.

Entraram os quatro bem juntinhos, pé-ante-pé.

O coração deles batia tão forte que quase dava para ouvir. Lena estava meio trêmula. As mãos do Zeca suavam. Aos poucos, eles começavam a acostumar o olhar à escuridão.

Zeca foi o primeiro a ver: uma série de vultos encostados à parede. Não era um bandido, eram vários então!

Lena ia soltar um grande grito, quando alguém acendeu a luz.



Encostadas à parede estavam várias pessoas: os pais do Doca e da Lena e os pais da Bella e do Zeca, a Mariana, os avós deles, o professor Miguel Rosa, a Clara, o sr. Joaquim, a Laurinha, a dona Cida, a dona Margarida, o sr. Onofre, o seu Nenê e o Antônio da Farmácia, a tia Marina e ... o primo Gil!

Então eles começaram a cantar “Parabéns prá você!” e os meninos viram a enorme mesa cheia de doces, salgadinhos e refrigerantes. E uma bicicleta novinha em folha, embrulhada em papel celofane transparente!



CAPÍTULO 7



EXPLICANDO

Depois que eu voltei da minha cara de “abobado”, depois que o meu coração parou de bater tão doido, depois de receber os abraços e beijos das pessoas que estavam ali e que vieram para comemorar meu aniversário, o primo Gil veio falar comigo.

- Aí Doca, caiu direitinho!

- Caramba Gil, agora que eu começo a ligar as coisas: como é que chegaria carta sua lá em casa em pleno domingo? Os correios não fazem entregas aos domingos... e nem meu pai, nem minha mãe me darem os parabéns...

- E aí? Descobriu quem é a Senhora S?

- Agora eu saquei: S de saúde...

- Isso mesmo: a gente queria te manter ocupado o dia todo porque você é muito enxerido e podia acabar descobrindo a surpresa. Ao mesmo tempo, o professor Miguel disse que vocês estavam estudando sobre saúde, quer dizer, sobre como podemos cuidar de nossa saúde, como mantê-la...

- Você nos colocou para procurar a Senhora Saúde. E nos fez aprender sobre medicamentos e também sobre a vigilância sanitária. Muita gente não sabe da existência desses verdadeiros anjos-da-guarda da nossa saúde.

- Tivemos que envolver seus amigos, também. Não queríamos correr o risco deles contarem para você.

- Acho que vocês conseguiram: aprendemos muito sobre saúde, acho que nunca irei esquecer esse dia!

Maaaaaas... e para você? O que é SAÚDE???

Realização:

Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa

SIA Trecho 5 - Área Especial 57 - Lote 200

CEP 71250-050

Brasília - DF

www.anvisa.gov.br

Disque Saúde: 0800 61 1997

Disque-intoxicação: 0800 722 6001